

Nome: Alan Barbosa Buchard

Email: alanbuchard@hotmail.com

Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense (mestrando)

Orientador: Celso Martins Azar Filho

A CONVERSAÇÃO COMO EXERCÍCIO FILOSÓFICO: SOBRE A ARTE DE CONFERENCIAR NO *ENSAIOS* DE MONTAIGNE

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o ensaio montaigneano “Da arte da conversação” (*Ensaio*, III, 8), com o intuito de apresentar o que o filósofo renascentista compreende sobre o modo como se dão as relações interpessoais. A partir dos dados biográficos coletados no trato com a nobreza de Bourdeaux, assim como no trato com as “pessoas comuns” (camponeses e artesãos), Montaigne engendra uma crítica à sociedade de sua época e ao próprio modo de filosofar do homem escolástico. Veremos que o âmbito da “conversação” é, para o filósofo, o terreno por excelência da dialética do conhecimento (*Ensaio*, I, 28) e do exercício da virtude, tendo por esses motivos, grande repercussão ao longo das páginas dos *Ensaio*s.

No ensaio em questão, Montaigne afirma que o exercício do saber é a maior conquista humana, entretanto, esse saber montaigneano não se configura nos moldes escolásticos (disputas lógicas e erísticas), com “letras que nada curam”, mas na conversação entre espíritos humildes e não presunçosos. Montaigne chega mesmo a dizer que a lógica é inútil no tocante à terapêutica da alma e dos males da vida: tal afirmação é uma dura crítica à artificialidade e não efetividade dos modelos filosóficos legados pela tradição.

Como filósofo moralista, Montaigne pretende que a filosofia o auxilie a viver bem e em conformidade com a natureza, uma vez que nega à razão a exclusividade de auxiliar o ser humano na aquisição da felicidade. Em um de seus principais ensaios, a *Apologia de Raymond Sebond* (*Ensaio*, I, 12) Montaigne crítica o lugar privilegiado que os filósofos conferem à razão como elevadora da condição humana: contrariamente, a razão produz mais “monstros e quimeras

fantásticas” do que propriamente sabedoria de vida. Na esteira das filosofias da Antiguidade, Montaigne confere à natureza a responsabilidade de nos ensinar a melhor forma de viver, e às “pessoas comuns” o exemplo de conduta. Além disso, Montaigne utiliza diversos termos nos *Ensaio*s que denotam sua preocupação em aproveitar seu “bom humor” para dar ao seu leitor um tipo de filosofia que se fundamenta sobre a diversão, sobre o poupar da vontade.

Analisando tais termos utilizados poderemos defender que Montaigne talvez seja o primeiro pensador a encarar a filosofia pelo viés do deslizar¹ sobre as questões humanas. Herdeiro da tradição clássica, o filósofo de Bourdeaux considerava que a tarefa da filosofia era auxiliar o ser humano na aquisição do “bem viver”, sem que para isso fosse necessário repetir as categorias da escrita filosófica que o precedeu. Veremos que o método montaigniano parte das experiências que o filósofo obteve ao longo de sua vida, assim como do exemplo de conduta das pessoas comuns – em oposição aos modelos filosóficos e heroicos dos primeiros ensaios – para expor uma filosofia “vulgar e sem brilho”², cuja finalidade é a pintura de si.³ Para tanto, em seus ensaios Montaigne pretenderá se desnudar com simplicidade e sem verborragias.⁴

Também procuraremos evidenciar que a filosofia montaigniana é “leve” – em oposição à maneira de filosofar da tradição, isto é, por tratados sistemáticos e hermeticamente fechados – por ser mediada por uma escrita fluida, balizada por uma ética em conformidade com a natureza a volúpia: Montaigne fundamenta sobre esses dois princípios, um terceiro, o princípio de desvio (*diversion*)⁵ tão importante na composição dos *Ensaio*s.⁶

¹ “Montaigne pretende nos ensinar a difícil arte de ‘deslizar sobre o mundo’ (*glisser le monde*), de evitar ‘mergulhar muito a fundo nas coisas’ (*s’y enforcer*) (III, 10, 1005); pretende nos ensinar, enfim, assegurar-nos a *tranquillitas*.” cf. SCOLARICK, A. *A difícil arte de “deslizar sobre o mundo” ou Montaigne, um político discreto* (“*De poupar a própria vontade*” – III, 10). *Kriterion, Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: nº 126, Dez./2012, p. 509-525. p. 511.

² *Ensaio*s, III, 2, 805.

³ “[B]Pois minha justificativa – que devo ter nisso mais liberdade do que os outros, porque precisamente escrevo sobre mim e sobre meus escritos como sobre meus outros atos, que meu tema se revolve em si mesmo –, não sei se todos aceitarão.” (III, 13, 1069)

⁴ “Vede como os autores, mesmo os mais densos e mais sábios, em torno de um bom argumento semeiam muitos outros levianos e, se observarmos de perto, incorpóreos. Não passam de argúcias verbais que nos enganam. Mas, porquanto isso possa acontecer proveitosamente, não os quero esmiuçar muito.” (III, 12, p. 1039-1040.)

⁵ No francês moderno o termo que traduz a palavra “desvio” no português é *déviaton*. Contudo, se em nosso trabalho usamos *diversion* para nos referir à filosofia de Montaigne, assim fazemos por considerar que *diversion* simboliza melhor o caráter digressivo, ambíguo, paradoxal e, por vezes, obscuro dos *Ensaio*s. Não só por motivos literários e composicionais, o uso do *diversion* é uma escolha filosófica que nos permite defender a tese que propomos.

⁶ Em suas análises sobre a escrita de Montaigne, Auerbach chama a atenção do leitor para as estratégias de composição do ensaísta que ora interrompe a continuidade, ora antecipa seu assunto – por vezes deixando-o de lado

Ao longo de nossa exposição pretendemos mostrar que o agir e o filosofar montaigneano foram intensamente influenciados pela conversação socrática (dialética) e a teoria dos prazeres de Epicuro. O hedonismo epicurista encontrou a modéstia intelectual socrática para produzir uma filosofia que encontra na conversação a realização de seu projeto. Projeto este que pretende dinamitar qualquer presunção humana de estabelecer relações (acadêmicas ou pessoais) fundamentadas no pedantismo intelectual. Nas palavras do filósofo: “Por serem mais eruditos não são menos ineptos.” (*Ensaaios*, III, 8).

Por fim, embora circunscrita no contexto do Renascimento, a crítica de Montaigne pode ser direcionada também a nós hoje, que do mesmo modo carecemos de coragem para dizer a verdade, assim como de vigor e generosidade nas relações interpessoais. Desejamos concluir, assim como Montaigne, que a conversação é o terreno por excelência do exercício filosófico.

Palavras-chave: Montaigne, Renascimento, filosofia moral, exercício filosófico, humanismo

–, ora omite “conjunções e outras ligações sintáticas”, sugerindo-as depois, e ora oculta os reais motivos de sua fala. Como nota o crítico, tais recursos linguísticos têm por objetivo prender a atenção do leitor, requerendo sua participação, de modo que a todo instante este “se surpreenda, investigue e complete.” (AUERBACH, 2013, p. 253). Na busca por se mostrar mais completo possível, Montaigne se abstém de usar os artifícios rígidos que o medievo utilizava para analisar qualquer objeto que fosse, e se apresenta de maneira informal – “vulgar e sem brilho” –, fluída e, por isso mesmo, sincera. Para pintar este *eu* que é pura passagem, Montaigne só poderia ser servir do método que já tratamos no primeiro capítulo: “Quem quiser descrever com exatidão e objetividade um objeto que se modifica constantemente deve acompanhar exata e objetivamente as mudanças do mesmo; deve descrever o objeto a partir do maior número possível de experiências, da forma como ele foi visto em cada caso, (...) obtendo assim, finalmente, uma imagem do conjunto.” cf. AUERBACH, 2013, p. 255. Em outras palavras, o método montaigniano é rigorosamente experimental, e o único que se adequa a tal objeto.